

# À Maria do Carmo Correa Galvão da Geografia Brasileira, uma Homenagem

## To Maria do Carmo Correa Galvão from Brazilian Geography, a Tribute

Augusto César Pinheiro da Silva<sup>i</sup>  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Rio de Janeiro, Brasil

*A tropicalidade é um fato.*

Maria do Carmo Correa Galvão, chegando para mais uma orientação na UFRJ, em uma tarde de janeiro de 1999, quando os termômetros ultrapassavam 40 graus, o que a deixava bem vermelhinha – de calor e irritação – devido à temperatura elevada.

O relato a seguir não tem nenhuma pretensão acadêmica. Na verdade é uma visão pessoal, temporal, didática e emotiva que homenageia uma das grandes mestras da Geografia brasileira, orientadora e amiga pessoal. À Maria que me ajudou, indireta e diretamente, na trajetória acadêmica na graduação, no intercâmbio internacional e nas pesquisas da pós-graduação... o meu eterno agradecimento!

A Profa. Maria do Carmo Correa Galvão foi uma das grandes Marias da minha vida, com quem tive a oportunidade de aprender parte expressiva do que sei hoje sobre geografia, ética profissional, dignidade acadêmica e dedicação em prol do conhecimento, da gestão e da docência universitária. Ela é uma das três Marias da Geografia<sup>1</sup> (há outras fora do âmbito profissional) a quem sempre renderei homenagens, mas neste relato a Do Carmo, grande Mestre, é a estrela principal.

A rápida homenagem será focada na qualidade das nossas relações docente/discendente e pesquisadora/pós-graduando na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde cursei a graduação e pós-graduação. Entre 1986 e 2005 fui despertado por ela para voos no ambiente acadêmico de forma competente, dedicada e estruturante, e aprendi como a Geografia nos possibilita descobrir o mundo com competência.

---

<sup>i</sup> Prof. Adjunto do Depto. de Geografia e Meio Ambiente da PUC-Rio; Prof. Adjunto do Colégio de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ), do Depto. de Ciências Humanas e Filosofia da UERJ. acpinheiro08@gmail.com; augustoc@puc-rio.br

## A Do Carmo da Geografia: Algumas Lembranças

Decana e emérita de todos nós que estudamos no Departamento de Geografia da UFRJ entre os anos de 1960 até meados dos anos 2000, a minha querida orientadora de mestrado e doutorado era, nos meus anos na graduação, a grande referência de estrutura universitária em vigor. Desde o meu primeiro dia como discente entendi, nas aulas por ela ministradas, como era ser admirada e temida ao mesmo tempo tanto pelo seu poder na *intelligentsia* do saber acadêmico quanto pelo seu domínio e capacidade de atuar nos mecanismos institucionais dentro e fora da UFRJ. A Do Carmo quando atuava na docência e na gestão acadêmica contrastava o seu vigor na defesa da Geografia como campo formador e da “práxis” intelectual das “ciências de interface” com a sua aparência frágil e baixa estatura. Acompanhei diversas vezes a mestra adentrar reuniões na universidade, em meio a discussões fortes e contundentes, para fazer a defesa da UFRJ e da Geografia, sem medo de se expor aos arroubos “mais adolescentes” de professores e alunos. Era ponderada e buscava maturidade em um mundo de vaidades. Essa paulista apaixonada pelo Rio de Janeiro era a voz na defesa do espaço do conhecimento acadêmico e impedia, com seu olhar inquisidor, que qualquer outro professor ou situação cotidiana do departamento fosse comentada com a nossa “malícia clássica de estudantes”, pois éramos aqueles que ela queria ver profissionais responsáveis. Ela tinha horror aos interesses cartoriais e individualistas.

A minha maturidade na vida acadêmica foi forjada no entendimento de que conhecimento-razão-emoção devem ser mesclados com distinção-questionamento-diferenciação, o que me aproximou da Do Carmo em uma relação nem sempre fácil, mas sempre baseada na lealdade intelectual e no reconhecimento das nossas diferenças. Tal condição me fez respeitá-la ainda mais e desejar que outras profissionais do seu quilate estivessem presentes nos ambientes acadêmicos, compromissadas e focadas na qualidade educacional dos seus alunos, na eficiência da IES, no respeito à coisa pública e à própria Geografia. Essa gama de virtudes possibilitou aos seus conhecedores e admiradores leituras complexas e competentes do mundo.

## A Graduação em Geografia e a Percepção da Complexidade Espacial

Conheci a Do Carmo após “os atos de humilhação coletiva” gerados pelo trote nos calouros. A sua aula inicial deu-se, muito a contragosto, em uma sala imunda, estando nós – calouros – pintados, descalços e sujos. Ao fazer os primeiros comentários, Maria do Carmo Correa Galvão já era comentada por alguns colegas como uma referência na Geografia brasileira. Assumi o meu desconhecimento sobre a mestra que, para mim, se apresentava como uma senhora sisuda, com olhares de reprovação para a bagunça do ambiente.

A disciplina ministrada por ela era Organização Regional do Espaço Terrestre (ORET) e, apesar do desconforto inicial, a lógica, a coerência e a paixão pela Geografia “transmitidas” por ela foram inebriantes. Naquele momento consegui conectar os conteúdos de História, OSPB e Biologia aprendidos no antigo curso científico do colégio, nos anos anteriores.

A mestra Maria do Carmo Correa Galvão era uma docente “completa”, como se diz no jargão educacional brasileiro. Ela conseguia, com maestria, conectar as partes fragmentadas de “conteúdos reais, mas sem ação” com o sentido dinâmico dos processos espaciais. Com foco na estruturação dos elementos formadores da realidade socioespacial, Do Carmo se utilizava de expressões fundamentais que não tiveram em mim o impacto necessário no momento em que foram por ela proferidas, mas que hoje fazem todo sentido. De muitas, gostaria de destacar três: 1) *o que é obvio precisa ser dito*; 2) *não argumentem sobre erros que são óbvios e*; 3) *nada é melhor depois do almoço do que uma paçoca com coalhada!!!!*

A disciplina ORET foi reveladora de uma complexidade do mundo que eu sabia existir inconscientemente, mas que de “tão óbvia não era dita”, e a Do Carmo dizia o que era para ser dito, de modo processual e dinâmico. A minha capacidade de refletir sobre os porquês de existirem regiões no mundo, por exemplo, começou a dar sentido às margens dos rios e às nuvens *cumulus nimbus* tão odiadas por mim no ensino médio.

Além da ótima ORET, cursei com ela uma segunda disciplina na graduação: Organização Regional do Espaço Brasileiro (OREB). Ainda sob uma perspectiva do jogo das espacialidades para a compreensão da complexidade da Geografia no seu âmbito teórico-conceitual, a escala regional brasileira nos foi apresentada sob as concepções “ibgeanas” do território brasileiro, e a complexidade do semestre anterior se adensou com o entendimento da dimensão institucional. Nesse contexto, a perspectiva política dos territórios, suas forças e seus poderes decisórios ganharam forma, e a OREB abriu o leque para o entendimento do papel das instituições na definição e redefinição das políticas territoriais – uma descoberta que mudou o meu mundo pessoal e a minha maneira de pesquisar desde então.

Com tal capacidade de estimular a compreensão das ações dos homens via instituições e as atividades produtivas em comunhão / tensão com as forças da natureza, a mestra Do Carmo me fez compreender que as estratégias de delimitação espacial definem representações em múltiplas escalas e que estas variam ao longo do tempo. Finalmente a Geografia começava a fazer sentido para mim e para muitos outros colegas, tornando o conhecimento espacial uma alavanca para reconhecer a terra de forma multidimensional e conectada em suas partes para que possamos “ver o mundo através do olhar”.

A Do Carmo buscava na diferenciação espacial a capacidade de leitura dos processos socioambientais. Foi ela quem me apresentou o espaço rural fluminense, realidade muito distante para um jovem de classe média baixa nascido e criado na Ilha do Governador.

Ao me apresentar as idiosincrasias dessa dimensão político-institucional única do conjunto espacial que denominamos “Rio de Janeiro”, acabei despertando para a identificação de outras relações que ultrapassavam os meus limites “confortáveis e reconhecíveis” da metrópole carioca. Também foi a mestra quem estimulou a minha paixão pelos trabalhos de campo. Fosse na graduação ou na pós-graduação, acompanhá-la nessas atividades cognitivas passou a referenciar a minha atualização temático-conceitual para as pesquisas realizadas. O momento era de transição de uma Geografia tradicional e teórica para outra em que se consolidava o discurso das “humanidades”, mas que ainda dicotomizava o humano/social com o físico/natural/ambiental. Tal situação cerceava a autonomia dos geógrafos em formação, pois as atividades de campo passaram a ser

desvalorizadas (assim como os estudos regionais) como referenciais de uma Geografia moderna, robusta e com rigor teórico. Nunca fui convencido disto e na atualidade, por maiores que sejam as conquistas tecnológicas e as reflexões de ordem econômica e filosófica sobre a “natureza da Geografia”, os trabalhos de campo continuam vivos (e cada vez mais intensos) revitalizando as estratégias de conhecimento e reconhecimento espacial em múltiplas escalas.

## **A Pós-Graduação: Tensão e Autonomia na Consolidação de uma Amizade Sincera**

Após meu retorno da Alemanha no início de 1993 (intercâmbio internacional de cuja banca participaram a Do Carmo e o Prof. Dieter Muehe), a minha carreira acadêmica se inspirou nas linhas de pensamento da Do Carmo. Entre 1993 e 2005, meus contatos acadêmicos com a mestra se intensificaram e se consolidaram. Foram 12 anos entre aulas, trabalhos de campo (que duravam dias), muitas reuniões produtivas de trabalho, outras cansativas e ainda algumas tensas e cheias de dissonâncias. Trabalhar com a Do Carmo não foi um “mar de rosas” durante o mestrado e eu agradeço todos os dias a força, o foco, a transparência e a acuidade que desenvolvi na Geografia por conta dessa relação de extrema responsabilidade e coerência que sempre foram a marca da mestra.

Durante os três anos e meio de mestrado, a consolidação da discussão teórico-metodológica para o desenvolvimento do meu objeto ganhou destaque nas longas reuniões de orientação realizadas na sua sala no PPGG da UFRJ, sempre após a entrega regular de relatórios de campo. “Não se conhece o espaço de dentro dos gabinetes”, insistia a rigorosa orientadora que refutava qualquer análise mais específica sobre o recorte espacial em estudo, a partir das observações de campo feitas por terceiros. As reuniões ocorriam após “o expediente”, época em que não havia ainda o curso noturno de graduação, e o Bloco I da Pós-graduação ficava “às moscas” após as 17h. Era comum nos despedirmos, ambos emburrados, do Fundão, por volta das 21h, quando as reuniões focadas no reconhecimento e aprendizado sobre o campo fluminense eram realizadas e os debates ficavam “calorosos”.

Mas o meu “terror” eram as reuniões de entrega de relatórios com comentários, quando cada vírgula e concordâncias verbal e nominal eram comentadas pela mestra, pois, segundo ela, eu redigia “com a estrutura gramatical alemã e deveria repensar a forma como expressava a minha temática”. Os relatórios comentados eram então reescritos e suas lógicas recontextualizadas, da primeira até a última página. Os mais extensos, acima de 20 laudas, deveriam ser entregues, em laudas batidas em máquina de escrever elétrica na semana seguinte. Manuscritos não eram aceitos, de nenhuma forma.

Nos campos realizados, a clareza dos objetivos era a alma de toda organização da saída do grupo de pesquisa, e as perguntas base eram: *o que procuramos no campo visitado que se associa aos nossos objetos de análise? Como relacionar o identificado à base teórica eleita e previamente debatida?* Sem essas reflexões anteriores, não valia a pena sairmos em campo.

E era em campo que a paixão da Do Carmo pela Geografia aparecia com maior nitidez. Apaixonada pelas entrevistas semiestruturadas e relatórios gerados pelas apreensões

do espaço visitado e revisitado, todo material e seus centros de força eram discutidos após um intenso dia e trabalho, ainda nos hotéis de baixo custo, e também no retorno “ao gabinete” na universidade.

A minha experiência no mestrado foi finalizada em 12 de setembro de 1996, e me deu uma força impressionante. A fala concisa, amorosa e geradora de autonomia da Do Carmo ao final da defesa deixou marcas insubstituíveis no meu intelecto e na minha relação pessoal com o mundo do trabalho. A sua orientação – e poucos conseguiram finalizar – podia mudar toda uma geração de pesquisadores. A capacidade organizacional e o compromisso de docentes como a Do Carmo promoviam autonomias que revigoravam o ambiente da produção do conhecimento. Bons resultados não caem do céu, e somente a partir de exemplos da generosidade mostrada pela mestra em exigir o melhor dos seus orientandos / estudantes era que se vislumbrava uma academia em todo o seu potencial criativo e inovador.

No doutoramento, iniciado em 1998, a minha relação com a grande mestra mostrou-se novamente profícua, todavia muito mais leve. Apesar de ter quase investido em outros caminhos (Doutorado em Economia na FGV-RJ ou em Geografia na USP, por recomendação da própria Do Carmo), optei por continuar no PPGG da UFRJ sob a sua orientação.

Nas nossas relaxantes (porém exaustivas) reuniões de trabalho em seu apartamento na Lagoa, a partir de então (com a aposentadoria, sua presença do Fundão diminuiu), com lanches e tardes agradáveis quando eu apresentava o caminho da pesquisa em realização, a base teórico-conceitual e os resultados dos relatórios de campo observei uma Do Carmo relaxada e sem a pressão do passado, e com interesse em aprender “coisas novas, situações diferentes e conexões mais complexas” do conhecimento espacial do que tinha sido defendido por ela por tanto tempo. O advento da internet transformou a sua forma de ver a pesquisa e ela se impressionava com a possibilidade de serem realizadas consultas bibliográficas em bibliotecas virtuais das universidades brasileiras e estrangeiras. Ela se espantava com a minha proposta de enviar para ela, por e-mail, um relatório de pesquisa ou um capítulo da tese. Frente a essa resistência, acabei ganhando mais presenças para discussões sobre a investigação em sua casa, o que me deixava maravilhado com a possibilidade de manter meus contatos pessoais com a grande mestra.

Já com a idade avançada e o cansaço natural de quem cuidou sempre da sua família (ah, os cancerianos são nobilíssimos nessa função), Do Carmo não me guiava mais nos trabalhos de campo e me dava toda autonomia para eu trazer questões do campo observado e analisado, a partir de reflexões teóricas não mais tão rígidas “em tempos de crise epistemológica”. Admitia, a partir de então, abordagens inovadoras para políticas públicas específicas, que iam além dos processos macroeconômicos ou dos determinismos históricos. Ao se deixar maravilhar pelas imagens do Zé Carioca e Carmem Miranda expostos na minha tese em construção, me surpreendia ao dizer “deixe essas imagens na tese... estão bonitas e criativas”, o que indicava o interesse em acompanhar estratégias mais heterodoxas nas pesquisas científicas, mais lúdicas, alegres, leves e inovadoras.

Foi uma experiência absolutamente prazerosa ter convivido com uma mestra que foi deixando a carapaça dura para trás, mostrando o seu interior macio e amistoso como são os cancerianos, ao se deliciar e divertir-se com a paçoca e coalhada que fazia em

casa. A menina de sete anos de idade que se lembrava ainda das explosões geradas pela Revolução Constitucionalista de 1932, em São Paulo – estando escondida nos matagais nos arredores do conflito – havia retornado à cena com lembranças da juventude. No doutoramento repartimos experiências importantes sobre as nossas vidas acadêmicas na Alemanha, do seu doutoramento com Carl Troll, na Bonn Universität em 1962, dentre outros importantes temas, como o dos 50 anos da ocorrência de um grande temporal no Rio de Janeiro. Como estudante de Geografia, Do Carmo, em 20 de maio de 1950, mediu as marcas de água nos muros das casas da Rua das Laranjeiras para delimitar a altura que a água havia atingido. Ela lembrou-se disto durante uma reunião na sua casa: era o dia 20 de maio de 2000.

A defesa da minha tese ocorreu, exatamente, dezanove anos (03 de março de 2005) da minha entrada, pela primeira vez, na UFRJ para ter aulas com a Do Carmo na graduação (03 de março de 1986) e foi o dia em que vi no seu olhar a alegria da quinta orientação de doutorado (e penúltima) finalizada no PPGG da UFRJ. Poucos anos mais tarde, essas orientações cessariam em definitivo.

Desde que me tornei docente e pesquisador na PUC-Rio em 2000, procuro honrar o seu trabalho. Há 23 anos, coordeno uma ampla pesquisa sobre o estado do Rio de Janeiro, sob a complexidade que tal unidade federativa possui e da forma como a Do Carmo me ensinou nos estudos espaciais: integrados, complexos e não dicotômicos. Tive a sorte de sempre contar com ela na PUC-Rio como homenageada, professora palestrante e amiga.

Ainda hoje me recordo do nosso último encontro em 2009, meses antes de minha partida para o pós-doutorado na Espanha. Me alegrei por ela ter me reconhecido imediatamente me chamando de “Guto”, e do beijo carinhoso recebido e retribuído com toda admiração do mundo.

Saudades mestra! Você e as minhas outras Marias jamais serão esquecidas e estarão presentes em cada obra que eu realizar no mundo da Geografia, em qualquer função ou área em que atue.

Recebido em: 04/06/2023. Aceito em: 05/06/2023.

## Nota

<sup>1</sup> Além dela, não posso esquecer-me das outras duas Marias que compuseram a minha vida profissional e acadêmica, a partir da Geografia: Maria Therezinha de Segadas Soares e Maria do Socorro Diniz, mulheres de personalidades distintas e vitais para o entendimento das transformações ocorridas na Geografia brasileira, a partir da segunda metade do século XX.